

*Março - 1934*

*EXCELSIOR*

177

**ERNESTO NAZARETH**

GASTÃO PENALVA



de olhos de aço no amplo saracoteio desalagado dos cate-  
retês matutos, e o que temos de mais bello e mais nosso,  
naquella era nacional em que o americanismo não nos ti-  
nha entrado porta a dentro com os seus modos estabana-  
dos, as suas risadas boças, a sua feição grosseira de tra-  
tar o outro sexo.

A musica de Nazareth imperou nas nossas salas ao tem-  
po em que uma dama era uma dama e um cavalheiro um  
cavalheiro. Ella mesma, porque era arte pura, talvez se  
sentisse melindrada ao vêr o descalbro social com que hoje  
se tira uma moça para dansar e ao fim da dansa se a aban-  
dona em qualquêr parte, como objecto imprestavel.

Eu creio que a ultima casa em que Nazaeth tocou foi  
a minha. Encheu-nos uma tarde de prazer artistico. Era-  
mos poucos. Brasílio Iberê e Andrade Murici, dous melo-  
manos inveterados, tinham levado, para conhecer o maes-  
tro, o maior pianista de Hespanha e um dos maiores do  
mundo: Tomás Terán. E este, emquanto o nosso tocava, pu-  
zera-se a seu lado alheio ao resto, lapis em punho, a anno-  
tar uma collecção das suas musicas, com os labios entre-  
abertos de espanto, como a dizer-nos a nós de casa:

—E vocês que não conhecem este homem! E vocês  
que não entendem esta musica!

E de tal fôrma se impressionou que por fim, instado  
para dar-nos alguma cousa do seu repertorio, declarou for-  
malmente:

—Não! A tarde é de Ernesto Nazareth. Ninguem  
mais deve tocar depois delle.

E partiu com a collecção de tangos cheia de pontos de  
admiração.

Mais tarde, o grande amigo foi fazer uma excursão pelo  
Sul. Varias platêas applaudiram com fervor o seu canto  
de cysne. Elle já não ouvia mais o que tocava. Sabia das  
suas composições unicamente pela memoria visual, gravada  
na fôrma geometrica do teclado. Completamente surdo,  
como Beethoven na noite de "Fidelio".

Voltou. Estava com o juizo transtornado. A familia  
internou-o num manicómio.

Passou-se muito tempo.  
Nunca mais tive noticias  
delle. Até que lhe remata a  
vida ingloria um final de  
tragedia. Fugira do sanato-  
rio. E afinal, elle que já es-  
tava louco, foi encontrado  
sem vida, com o corpo apo-  
drecido.

Pobre, desventurado ami-  
go! Acabou na dissonancia  
aquelle espirito que só deu  
belleza á vida, á vida que  
se esqueceu de lhe pagar ou  
só lhe pagou em moeda  
falsa.

Mas, senhores, no estado  
em que vae a arte em nossa  
terra — desprezada, nega-  
da, constringida a viver na  
miseria — o artista só tem  
mesmo uma porta de saida:  
enlouquecer.

---